HERMES

JORNAL DOS ALUNOS DA UNIVERSIDADE SÉNIOR DE GONDOMAR

ANO 5 • NÚMERO 32 • ABRIL 2026

Edição Especial

— António Braz
Presidente do Conselho Executivo USG

Entramos no último período do ano letivo 2025/2026 na Universidade Sénior de Gondomar com a sensação clara de que este tem sido um ano vivido com grande intensidade, participação e espírito comunitário. O mês de abril, que agora deixamos para trás, marcou de forma particular este caminho: celebrámos a Páscoa, tempo de renovação e esperança, e celebrámos também a Liberdade, com as comemorações dos 52 anos do 25 de Abril.

A última Tertúlia de Poesia, dedicada precisamente à Liberdade, coincidiu com o dia das comemorações. Cada palavra que foi dita, partilhada e sentida ganhou ainda mais força quando associada à memória de Abril e aos valores que continuam a inspirar o nosso trabalho diário: participação, inclusão, cultura e cidadania.

Ao iniciarmos a reta final de mais um ano académico, renovamos o compromisso de continuar a oferecer aprendizagens, experiências e encontros que valorizem cada aluno e cada momento vivido na Universidade Sénior.

Desejo a todos que vivam este 3º período com o mesmo entusiasmo, a mesma vontade de descobrir e de se realizarem pessoalmente mantendo sempre vivo o espírito de abril, porque aprender também é um exercício de liberdade.

Bem-hajam!

O Segredo do Bosque

— Etelvina Sousa Ferreira

No coração do bosque, as árvores nuas não se limitam a existir: elas vivem, respiram e guardam memórias que ultrapassam o tempo humano. Guardam segredos que o vento jamais ousou contar.

Seus galhos, longos e retorcidos, estendem-se como mãos esqueléticas em direção a um céu cinzento, como se tentassem tocar o invisível, como se quisessem sussurrar segredos a quem tiver coragem de escutá-las. Cada tronco pulsa com uma presença silenciosa, e a casca, coberta de musgo e fissuras, parece escrita por uma mão ancestral que conhece as leis do frio, da espera e da eternidade.

O inverno veste o bosque de prata e de sombra, e cada raiz enterrada sussurra histórias de paciência, de espera e de sobrevivência. As folhas caídas, relíquias douradas, lembranças de outonos passados, formam tapetes sobre a terra adormecida, lembrando que a beleza existe também na morte. Pequenos rios de geada brilham como veias de cristal neste imenso cenário.

Percorrem o chão como neve cristalina, e as pequenas veias de gelo correm pelos troncos, refletindo fragmentos de céu, de estrelas apagadas e de memórias esquecidas.

O vento percorre o bosque transformado em sinuoso espírito, enrolando-se nos galhos, invadindo os troncos, fazendo-os ranger e estalar. Às vezes, parece querer falar, mas cala-se, deixando apenas ecos, pequenas pistas, segredos esquecidos que jamais serão contados. E os corvos, negros como a noite, que os conhecem, circulam sobre as copas, como se o bosque inteiro fosse guardião de uma verdade que desafia o tempo e a razão.

Quem ousa caminhar por esse reino sente que tudo é maior do que se pode compreender: o silêncio é densidade, o frio é presença, e cada passo é testemunho de que se entrou num lugar onde o tempo e a razão se curvam

Caminhar entre essas árvores é perceber que o mundo é mais vasto do que os olhos podem alcançar, que há uma vida oculta nas frestas, nos galhos retorcidos, nos cantos que a luz do sol nunca toca.

O frio não é apenas frio. É lâmina e abraço ao mesmo tempo. É presença que exige respeito, força que molda o mundo com mão invisível. As árvores, com seu silêncio, conhecem o rigor do inverno melhor do que qualquer ser humano. Elas sabem que a paciência se aprende no gelo, que a esperança floresce nas fissuras mais frias, que a vida sobrevive nos lugares onde o tempo se curva sobre si mesmo.

E ali, no meio do bosque, no frio que corta a pele, no vento que murmura nomes esquecidos, no silêncio que pesa e flutua ao mesmo tempo, o segredo permanece: intacto, intocado, eterno. Um mistério que desafia o olhar e a razão, que só se revela àqueles que compreendem que há forças no mundo que existem apenas para ensinar a escutar. Porque o segredo das árvores nuas não é visível, não se conta, não se escreve. Sente-se, percebe-se e guarda-se, como a vida em si mesma: um mistério que se desdobra nas frestas, nas sombras, e em tudo que ousa permanecer nu, silencioso e vivo.

As Mil e Uma Noites

— Artur Sousa

As mil e uma noites é o livro das mil e uma histórias que nos devia inspirar a combater a banalidade dos dias e a mediocridade da existência que se repete geração após geração.

Xerazade é uma mulher que sabe usar o poder de contar histórias. Histórias que nunca acabam.

Ao destino traçado, Xerazade impõe-se, combate-o, e a cada história contada logo dá início a uma outra.

No constante renovar das histórias eis o mistério da Vida ao nosso alcance.

A cada novo dia podemos contar uma nova história e em cada uma aportar a novidade da vida, o eterno renascer, a esperança e o sonho que nos deve impulsionar a viver mais e mais.

Pobres de nós! Indoutos e como tal incapazes de usar o poder das palavras que dão perfume à vida e às coisas, limitando-nos a morrer um pouco em cada dia.

E não satisfeitos com a nossa desgraça, tudo fazemos para arrastar os que nos rodeiam para a miséria de uma existência previsível, sem mistério a abundar de desesperança.

Xerazade é uma mulher poderosa pela sua inteligência. Na fragilidade da sua existência ela sabe que as palavras quando sabiamente usadas são poder.

São as palavras que dão forma às histórias e estas devolvem, em cada dia, o sonho, a esperança, o viver mais e melhor e, acima de tudo, ajudam a amar na plenitude da efémera existência.

Pobres daqueles que não sabem contar a cada dia uma história.

Ausências

— Maria Cecília Santos

Naquele dia, já o sol se tinha posto, e o frio lembrava que o Inverno estava para durar, entrou na casa e pronunciou, como tinha sido seu hábito, durante muitos anos, um sonoro: - Olá!

No entanto, a casa permaneceu muda, fria e solitária, ninguém lhe respondeu, ao contrário do que costumava acontecer. Que estranha sensação percorreu os sentidos de António.

As casas vazias parecem sempre mortas, abandonadas ao tempo, quando ninguém se interessa por elas, tal como as pessoas, desfalecem acabando por perder-se na memória dos tempos. Já muitas vezes tinha comentado que não gostava de casas abandonadas, sem telhados ou a cair, esventradas e ocupadas por animais, também eles, solitários. Não gostava! E até sentia algum medo desses espaços em total solidão.

António estacou no meio da sala de pequenas dimensões, mas que lhe parecia enorme naquele momento, sem saber ao certo o que pensar: - Estaria a mãe ausente ou não o teria ouvido? Subiu rapidamente as escadas que davam para o andar onde, por vezes, a mãe gostava de estar, ora em silencio consigo mesma trabalhando, lendo, organizando materiais, separando papéis, guardando uns, deitando fora outros, ora em conversas amenas com outras pessoas com quem gostava de partilhar aquele agradável espaço da casa. Não sendo de grandes dimensões, era suficiente para conversar, trabalhar, ouvir música, tocar guitarra..., tal como costumava acontecer, no passado recente, quando ali se encontravam os três: ele, o irmão e a mãe. Angelina até costumava dizer, gracejando, que quase parecia uma repartição pública. Uma mesa para cada um, e cada um absorvido pelo seu respetivo trabalho.

As janelas permitiam que a luz entrasse a rodos de nascente e de poente. A pequena mansarda propiciava, sobretudo na Primavera, um olhar preguiçoso sobre os campos verdejantes da quinta vizinha e sobre os animais no pasto. Também se podiam ouvir os risos, mas, sobretudo, os gritos das crianças no recreio da vizinha escola, durante os intervalos das aulas da manhã e da tarde. Corriam e gritavam uns atrás dos outros como se, vamos lá saber porquê, nas salas de aula imperasse a lei do silêncio, proibindo qualquer manifestação audível e qualquer gesto de alegria pelo aprender a ser e a fazer. Esse, era um enigma que gostaria muito de decifrar!

Mas, não, a mãe não estava em casa naquele momento. Sentiu-se um pouco triste. Queria mesmo ver a mãe! Há tanto tempo que não falava com ela! Tinha acontecido um pequeno desentendimento que os tinha afastado e agora que decidiu pôr fim a esse interregno, a mãe não estava. E ele não podia esperar! Tinha tanta coisa para fazer, como a ida ao ginásio, aliás até já lá devia estar. Sempre a correr, sempre a fazer quilómetros, tanta autoestrada por dia. - Até quando? - perguntava-se, por vezes.

Descendo, espreitou rapidamente pela porta aberta do seu antigo quarto, onde permaneciam como adormecidas as suas coisas, aquelas de que não quis desfazer- se, nem levar consigo. Era a maneira que tinha encontrado de ainda viver naquela casa, a sua casa-mãe.

“Home is where mum is”, lembrou-se depois, já a caminho do ginásio.

Viver

— Albino Santos

É urgente viver – não como quem foge, mas como quem finalmente se encontra. Viver sem medo, como se o medo fosse apenas uma sombra projectada por aquilo que ainda não ousamos. Viver sem demora, porque o tempo não é um rio paciente: é corrente viva, indomável, que não espera por quem hesita nas margens.

Há momentos em que a vida nos chama pelo nome, não com suavidade, mas com uma urgência quase selvagem. Um apelo que não se explica, apenas se sente – no peito inquieto, nas mãos que já não sabem ficar paradas, no olhar que começa a procurar horizontes onde antes havia muros intransponíveis. E então percebemos que viver também é uma escolha, mas nem sempre é viver. Viver, nesse sentido, é um gesto de criação. É pegar no que fomos – fragmentos, erros, memórias, silêncios – e moldar com eles uma nova forma de existir.

Como um escultor diante da pedra bruta, não esperamos pela perfeição do bloco, aceitamos as falhas, as irregularidades, as resistências. É por elas que a obra respira.

Esculpir a vida de novo é ter a coragem de recomeçar sem garantias. É aceitar que o traço pode falhar, que a forma pode não corresponder ao sonho inicial – mas ainda assim continuar.

Porque viver não é reproduzir um modelo seguro; é arriscar um desejo autêntico de mudança.

E talvez o mais difícil não seja viver, mas permitir-se transformar. Deixar para trás versões de nós mesmos que já não nos servem, abandonar métodos que insistimos em repetir, libertar-nos da ilusão do controlo. Há uma beleza feroz nesse desapego – uma liberdade que nasce quando já não precisamos de ser quem somos.

Por isso, vive. Vive com tudo o que tens, mesmo que te pareça pouco. Parte com as dúvidas ao lado, mas nunca à frente. Vive como quem aceita o desconhecido. E vai esculpindo uma outra humanidade. Não apresses a obra, mas não pares. Cada escolha é um golpe no mármore, cada passo uma definição do contorno. Aos poucos, entre erros e descobertas, vais reconhecer naquilo que crias algo profundamente teu.

Porque no fim, a urgência não é fugir do que és – é tornar-te finalmente aquilo que tiveste a coragem de ser.

25 de Abril

— Milú Almeida

As nossas escolhas determinam a evolução da liberdade e da democracia pela

qual os capitães de Abril lutaram.

Desconhecendo que antes da "Revolução dos Cravos" havia fome, medo, injustiça, censura, prisão e muita desigualdade social, assisti ao 25 de Abril de 1974 com a euforia de uma adolescente que se vê no meio do povo que saiu à rua para resgatar direitos que não tinha.

Tal como ele, gritei de punho erguido: "O povo, unido, jamais será vencido".

Confesso que nos primeiros dois ou três anos não achei piada nenhuma às mudanças a que assisti. Também não me preocupei em saber o que verdadeiramente significava "liberdade" e, muito menos, "democracia". Encarei-as como algo adquirido (com cravos vermelhos) e eterno ... como se eu não tivesse responsabilidades para com elas.

A vida e o tempo, ensinaram-me a respeitar opiniões diferentes (ou a afastar-me delas), a não pactuar com injustiças, mentiras ou ideias pré-concebidas e a não aceitar a indiferença como norma; ensinaram-me que devo (devemos) lutar pela dignidade de todos, independentemente do sexo, da cor da pele, da religião, da cor política e da posição social e económica; ensinaram-me que todos temos valências que devemos defender e colocar ao dispor dos familiares, dos amigos, dos vizinhos, dos outros ...

A vida e o tempo, ensinaram-me que a liberdade e a democracia começam em nós mesmos, desde que aceitemos sair da nossa zona de conforto e questionar, participar e exigir responsabilidades a quem governa, ainda que seja necessário enfrentar algumas quezílias; ensinaram-me a sentir o peso das injustiças sociais, e a responsabilidade que me cabe na defesa da liberdade, fazendo escolhas e votando com consciência e mantendo-me a par das evoluções e dos perigos (que andam à espreita ...).

A igualdade começa nos nossos lares, na defesa dos nossos conhecimentos e mudanças, e na passagem de testemunho, sem medos nem atos ou promessas vãs.

Aceitar determinadas situações por mero comodismo ou indiferença é matar a

liberdade e a democracia.

Muito particularmente, não me conformo com a desigualdade que continua a existir relativamente às mulheres, com a mortandade e violência doméstica (física e não só) e a violência sexual, racial e infantil, com as posturas sociais de quem, podendo ajudar de alguma forma, encolhe os ombros e até é capaz de comentar "o problema não é meu ..., eles que resolvam", com as escolhas feitas pelo povo assentes na agressividade de quem se acha melhor que os outros e pauta pela desinformação e mentiras (para além de outros atos pouco dignos), com as pessoas que afirmam alto e bom som "eu sou livre, posso fazer o que bem apetece ...".

Viver em sociedade, em liberdade e democracia não é um ato solitário!!!

Para além disso, cabe a todos nós "regar e cuidar dos cravos" como se eles fossem e sejam as mais belas flores do nosso quintal e ainda que nem sempre estejam viçosos.

.

“Não basta celebrar, é preciso cuidar”

— João Paulo Pinto

O mote escolhido pela USG para a sua tertúlia do mês de abril ganha ainda mais força quando pensamos na Revolução do 25 de Abril de 1974 como um processo

inacabado, e não apenas como um marco histórico. Celebrar é importante — mantém viva a memória coletiva —, mas cuidar é o que garante que os valores conquistados não se desgastem com o tempo.

Após décadas de ditadura, o 25 de Abril abriu caminho à liberdade, à democracia e à dignidade humana. No entanto, essas conquistas não são permanentes por natureza.

A história mostra-nos que direitos podem ser fragilizados quando há desinteresse cívico, quando a participação diminui ou quando a sociedade se torna indiferente às injustiças. É precisamente aqui que entra a necessidade de cuidar.

Cuidar da democracia significa estar atento. Significa questionar, informar-se, votar de forma consciente e participar ativamente na vida pública. Não basta usufruir da liberdade de expressão — é preciso usá-la com responsabilidade. Não basta ter direito ao voto — é essencial exercê-lo de forma crítica. A democracia enfraquece quando os cidadãos se afastam dela.

Além disso, cuidar implica também combater desigualdades que persistem. A Revolução prometeu melhores condições de vida, mas nem todos beneficiam dessas conquistas da mesma forma. Quando há exclusão social, precariedade ou falta de oportunidades, a própria ideia de liberdade fica comprometida. Cuidar do legado do 25 de Abril é também lutar por uma sociedade mais justa e equilibrada.

Outro aspeto fundamental é a preservação da memória. À medida que o tempo passa, o risco de banalização aumenta. As novas gerações podem encarar o 25 de Abril como algo distante, quase abstrato. Por isso, cuidar é também educar: transmitir histórias, promover o pensamento crítico e garantir que o significado da revolução não se perde.

Em última análise, celebrar o 25 de Abril sem cuidar do que ele representa é como admirar uma conquista sem a proteger. A liberdade, a democracia e os direitos não são garantias eternas — são responsabilidades contínuas. O verdadeiro respeito por esta data não está apenas nas comemorações, mas nas ações diárias que asseguram que o espírito de Abril continua vivo.

Merecidos Parabéns

— Lino de Castro

Realizou-se no final do pretérito mês de Janeiro mais um concurso de cultura geral, o XXII, promovido pela Rutis. Nele marcaram presença onze universidades seniores, desde as já habituais naquelas 'andanças', como sejam as de Santarém, de Vila Franca de Xira e a nossa de Gondomar, à estreante de Carrazeda de Ansiães. Outras mais não puderam estar presentes em virtude de o espaço físico onde se realizou o evento não poder receber mais do que trezentos espectadores. Intelectualmente o concurso foi bem disputado, almejando qualquer dos polímatas daquelas universidades seniores alcançar o lugar primeiro do pódio no final daquela refrega do saber.

O historial de algumas das seniores presentes prometia ou fazia antever a continuidade vencedora de alguma delas. Todavia, como todos nós seniores bem sabemos, pela experiência de vida já largamente vivida, o historial (nem a História) do que quer que seja não é garantia de certeza final, nem matematicamente conduz a resultado indiscutível.

Bem, particularmente bem, estiveram os grupos seniores que chegaram à final do concurso.

Entre estes sobressaiu o coletivo da universidade sénior de Ermesinde. E também o da congénere de Vila Franca de Xira, a mais próxima perseguidora, em títulos ganhos, da sénior de Gondomar.

Em se aproximando as derradeiras (do total de 37) questões que o concurso apresentou, era já perceptível que uma das três seniores, Gondomar, Vila Franca de Xira ou Ermesinde, iria vencer o XXII concurso da Rutis. Efetivamente, à última pergunta colocada pelo apresentador do concurso, Dr. Luís Jacob, foi a de Ermesinde quem ganhou (por um ponto de vantagem) o primeiro lugar no pódio. Foi a sua primeira vitória neste certame de polimatia. E, ademais, em sua própria casa - Ermesinde. Parabéns, pois, porque justamente os mereceu.

A acrescentar à inequívoca vitória é gratificante aludir o facto de um dos componentes da equipa ao concurso, pela universidade sénior de Ermesinde, ser, paralelamente, professor na nossa sénior de Gondomar (e igualmente na de Ermesinde, pela qual concorreu).

Devemos, portanto, sentirmo-nos ufanos. Duplamente: porque um elemento do grupo da universidade vencedora, Ermesinde, é nosso amigo, na qualidade de professor na nossa sénior; secundariamente, porque a nossa USG, tendo conseguido posicionar-se como "vice vencedora", aumentou para quatro os segundos lugares obtidos nos pódios a que concorreu (18), aos quais adiciona, com igual orgulho, os cinco primeiros lugares alcançados em demais concursos, permanecendo, assim, a universidade sénior mais vencedora nestes concursos no universo das suas congéneres da Rutis, Endereçados parabéns, pois, (e por tanto) a todos!

Caminhada desde Lavadores até ao Senhor da Pedra

Uma história por detrás do quadro: Mulher com Sombrinha (1875) – Claude Monet

— Tétis ao Luar

Estou sentada, de pernas cruzadas, no chão frio do museu, numa posição que os vigilantes toleram porque pareço inofensiva: rendida. À minha frente, o quadro respira. Não o olho como quem o visita; olho-o como quem assume uma vigilância cuidada.

A mulher surge ligeiramente de baixo para cima, como se eu estivesse sentada na relva e tivesse levantado os olhos de repente. O vestido claro ondula, não sei se pelo vento verdadeiro ou pelo vento que o pincel inventa. Não há contornos firmes: tudo vibra. O branco do tecido não é branco — é azul, é verde, é sol partido em manchas rápidas pela imaginação do pintor.

A sombrinha, verde também, filtra a luz e cria uma sombra móvel sobre o rosto quase ausente. O céu é vasto, inquieto, pintado com pinceladas largas que parecem correr umas atrás das outras, como nuvens apressadas.

Quando o vento levanta a saia, não desvio o olhar — não por curiosidade, mas porque desejo captar a verdade daquele instante único. O céu muda de humor várias vezes enquanto avançam alguns metros. A luz cai diferente sobre o mesmo campo, e percebo que esse é o verdadeiro acontecimento do dia.

A mulher avança na tela com a naturalidade de quem não sabe que está a ser observada há mais de um século. A sombrinha balança num gesto distraído. O filho — sei que é o filho, embora o pintor nunca o tenha dito — afasta-se ligeiramente, atraído por qualquer coisa viva entre os arbustos. Inclina-se. Aponta. A mulher segue-o, curiosa, paciente, maternal.

É então que vejo o que eles não veem.

Do meu lugar privilegiado — baixo, frontal, quase ao nível da relva pintada — distingo o que não é pincelada nem sombra. Aquela linha sinuosa não pertence ao vento. Não vibra como o resto. Está imóvel demais. Brilha pouco. A camuflagem é perfeita, mas há coisas que só se revelam a quem observa tempo suficiente.

É uma cobra.

Não uma cobra simbólica, nem alegórica — uma cobra venenosa, enroscada no coração verde do arbusto, confundida com a vegetação como um pensamento mau entre pensamentos banais. A cabeça está erguida, à espera. O corpo não existe. Foi sempre isto.

Sinto o corpo reagir antes da razão. Esqueço-me do museu, do silêncio, das paredes brancas, da vigilância silenciosa. Esqueço-me de que eles não me podem ouvir.

Grito. Um grito seco, deslocado, absurdo naquele templo de contenção. Um grito que rasga o ar do museu e — sei-o no mesmo instante — rasga também a superfície do quadro.

A mulher vira-se.

Vira-se mesmo! Não é impressão. Não é imaginação minha. Os olhos dela encontram os meus, atravessam o tempo, a tinta, a moldura dourada. O gesto fica suspenso, a sombrinha parada a meio do movimento. No rosto, não há medo ainda — há surpresa. A surpresa pura de quem é arrancado de um instante perfeito.

O filho olha para trás, confuso, a mão ainda estendida para o arbusto onde a cobra permanece imóvel, paciente, eterna.

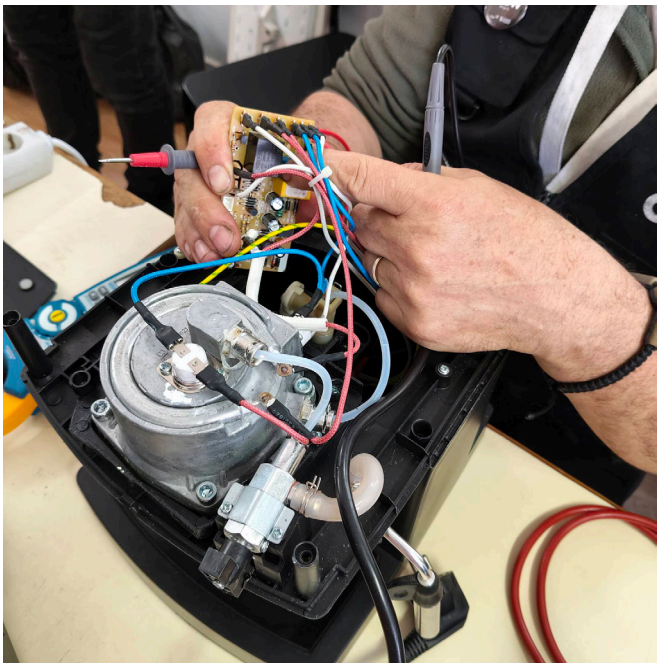
Durante um segundo interminável, nada se mexe. Nem a cobra. Nem o vento. Nem eu.

Depois, muito devagar, a mulher entende. Não o perigo concreto — isso virá depois — mas o essencial: alguém viu o que ela não viu. Alguém que não pertence ao campo, nem ao céu, nem ao seu tempo.

O quadro estremece imperceptivelmente, como a superfície de um lago tocada por uma pedra.

E eu, ainda sentada no chão do museu, compreendo com uma clareza inquietante que nunca mais serei apenas um espectador. Porque a partir daquele grito, a pintura passou a saber que é observada — e o perigo, agora, já não está só entre os arbustos.

Repair Café



Atividades de Maio

8 e 9 de maio – Visita no âmbito da disciplina de História de Portugal e o Mundo

15 e 16 de maio - Visita no âmbito da disciplina de História de Portugal e o Mundo e da disciplina de Pintura

22 de maio – Caminhada a designar

29 de maio – Anos Dourados em Festa com Memórias que Dançam – Com Música ao Vivo

30 de maio – Tertúlia na USG